CLIMA DE MEDO

O perigo que ronda as escolas

Pais, alunos e funcionários de colégios da região de Botafogo cobram ações contra assaltos

RAFAEL GALDO
rafael.galdo@oglobo.com.br

FOTOS DE GUILHERME PINTO

Preocupação. "A única coisa que posso fazer é rezar", diz Wania Pinto, mãe de aluna do Colégio Andrews. Funcionários e estudantes de escolas da região reclamam dos assaltos

Fim de aula. Para a mochila, vão os livros, o caderno, o estojo. E também o relógio, o celular... Cautela que faz parte da rotina de um grupo de adolescentes do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, que tenta diminuir a chance de se tornar alvo de bandidos. Numa cidade em que escolas são diariamente fechadas pelos confrontos em áreas conflagradas, a violência em áreas de unidades de ensino do bairro da Zona Sul se revela por meio do número de roubos a pedestres. Só no primeiro semestre deste ano, foram 338 vítimas, considerando apenas os casos registrados em delegacias. E, como a região concentra dezenas de creches e colégios públicos e particulares, os estudantes e seus responsáveis têm ficado constantemente na mira de assaltantes. Realidade que provoca mudanças de hábitos, exige cuidados redobrados e leva diretores a pedirem, muitas vezes em vão, reforço no policiamento.

Andar em grupo virou uma orientação recorrente de professores e diretores. Pelo aplicativo WhatsApp, os pais também se organizam e repassam dicas de precauções a serem tomadas. A violência, no entanto, persiste nas proximidades das escolas do bairro, assim como no vizinho Humaitá, num raio de poucos quilômetros do Palácio Guanabara, sede do governo estadual. No início da tarde da última quarta-feira, assustou mães que chegavam com filhos pequenos ao Centro Educacional Acalanto, na Rua Visconde de Caravelas. Bandidos armados levaram a bolsa de uma mulher, na frente de crianças. Dois dias antes, um adolescente do Colégio Pedro II, na Rua Humaitá, precisou correr quarteirões para escapar de cinco jovens que tentavam roubá-lo.

— Os professores falam para termos cuidado. Celular é o que os ladrões mais querem. Só ando com o aparelho na mochila ou na cintura, por dentro do uniforme. Dois meses atrás, entrei num ônibus, em frente à escola, e um homem se sentou ao meu lado. Ele começou a me dar cotoveladas, e exigiu que eu abrisse a mochila. Fiquei assustado e entreguei tudo — afirma um estudante de 14 anos do Santo Inácio, na Rua São Clemente.

CARTILHA DE SEGURANÇA

No primeiro semestre deste ano, representantes do Santo Inácio e de outros colégios chegaram a realizar reuniões mensais com policiais do 2º BPM (Botafogo) para debater soluções. Sem conseguir resultados, eles enviaram, no mês passado, um ofício ao batalhão, solicitando reforço no patrulhamento pelo menos nos horários de entrada e saída dos estudantes — pedido que, de acordo com a Secretaria municipal de Educação, também é sempre feito pelos diretores de sua rede.

Enquanto isso, no site do Santo Inácio, há uma lista de orientações aos alunos. A cartilha diz que eles devem "aguardar o início das aulas ou o transporte escolar dentro do colégio, não na calçada; evitar utilizar equipamentos eletrônicos e similares na área interna próxima ao portão, de onde se pode ser visto por quem está na rua; não usar joias e relógios de valor na rua e, na hora da saída, retirá-los antes de passar pela portaria; evitar abrir a carteira e manusear dinheiro na rua, sendo ideal já sair com o dinheiro da passagem ou de eventuais compras na mão; não carregar objetos de valor, como telefones celulares e computadores, nem grandes quantias de dinheiro nos bolsos externos da mochila; e, na saída, deixar o colégio sempre em pequenos grupos de três ou mais colegas".

Perto dali, a Escola Dínamis, na Rua Bambina — a mesma da 10ª DP (Botafogo) e da Inspetoria da Guarda Municipal na Zona Sul —, recorreu à Polícia Civil, que foi convidada para dar palestra aos alunos sobre cuidados para evitar assaltos. Sair do colégio em grupo foi, mais uma vez, uma das recomendações.

— O último assalto a um de nossos alunos aconteceu em junho. No começo de tarde, eles têm a liberdade de sair da escola para almoçar na rua. Muitos optam por ir andando até o Botafogo Praia Shopping. E nesse caminho, por incrível que pareça, é na rua em frente à delegacia do bairro (a Professor Alfredo Gomes) que eles costumam ser mais abordados. Por isso, aconselhamos que comam dentro da escola ou, caso saiam, não levem mochilas ou celulares — diz o diretor de ensino médio, Marcelo Monteiro.

Triste lembrança. Muro próximo ao local onde o universitário Alex Schomaker Bastos foi assassinado, na Avenida Venceslau Brás

338
Número de vítimas de roubos a transeuntes no bairro de Botafogo no primeiro semestre deste ano

100
Quantidade de assaltos na região que, este ano, deram origem a denúncias da 3ª Promotoria de Investigação Penal à Justiça

163
Número de policiais que atuam em toda a área do 2º BPM, de acordo com a Associação de Moradores de Botafogo

112
Quantidade de ruas do bairro

Uma aluna de 17 anos sabe bem os locais que deve evitar. Na lista, além da Professor Alfredo Gomes, está o entorno da Praça Nelson Mandela e todas as vias internas do bairro "com menos espaços para fugir". Nem fones de ouvido ela deixa à mostra quando sai da escola. Precauções parecidas com as relatadas por estudantes do Colégio pH, na Praia de Botafogo, e que fazem com que crianças e adolescentes dividam suas preocupações em aprender com as de se proteger dos perigos da cidade.

POUCO EFETIVO EM BATALHÃO

Quando um estudante vira vítima, muitas vezes é necessário que entrem em cena psicólogos e orientadores pedagógicos, para evitar que o trauma prejudique o aprendizado. Diretores pedem aos pais que acionem a polícia sempre que souberem de algum assalto.

— Anos atrás, a ronda escolar da PM passava de colégio em colégio, mas ela não existe mais. Por isso, temos que pedir a ajuda de todos — afirma a diretora pedagógica do Acalanto, Anna Emília Ribeiro. — O mais absurdo é que, em várias ocasiões, são crianças e adolescentes que praticam os assaltos.

Presidente da Associação de Moradores e Amigos de Botafogo (Amab), Regina Chiaradia faz coro. Ela relata que grande parte dos ataques na região, não só contra estudantes, são cometidos por jovens que perambulam pelas ruas.

— Falta uma ação integrada de órgãos da prefeitura, como as secretaria de Assistência Social e Educação. E a segurança está extremamente precária. Não considero que seja culpa do comando do batalhão local. O 2º BPM conta com apenas 163 policiais. São somente 20 por dia para cada um dos oito bairros da região, considerando as escalas de trabalho e descontando folgas. Ora, Botafogo tem 112 ruas. Há algo errado — diz Regina.

No entanto, segundo o 2º BPM, áreas onde há unidades de ensino contam com patrulhamento ostensivo rotineiro, e existe a chamada Patrulha Escolar. Além disso, o comando da unidade afirma participar das reuniões mensais do Conselho Comunitário de Segurança Escolar e diz manter contato via WhatsApp (96422-0775) com diretores.

"Mas é importante lembrar das dificuldades atualmente enfrentadas pela PM, como as perdas de recursos humanos e materiais, que impactam no policiamento preventivo", ressalta o comando do batalhão.

Num muro da Avenida Venceslau Brás, um grafite lembra de um dos casos mais tristes envolvendo um estudante na região. Há dois anos, o aluno de biologia da UFRJ Alex Schomaker Bastos foi morto durante um assalto próximo ao campus da Praia Vermelha. Hoje, quem percorre a área manifesta falta de esperança em dias melhores.

— A única coisa que posso fazer é rezar — afirma Wania Pinto, mãe de duas alunas do Colégio Andrews, na Rua Visconde de Silva, no Humaitá. ●

'Por que não tem polícia, mamãe?'

Em primeira pessoa

MAIÁ MENEZES

"Nada prepara a gente para ver o pavor no olhar dos filhos. Eu não as preparei para isso. Elas não entenderam. E eu tentei explicar. O inexplicável. Um assalto a pouco mais de dez passos de nós, no caminho para a escola, o mesmo caminho que fazemos desde o berçário. Segurei as duas como se bebês ainda fossem. Agarrei nas mãos delas, puxei, pedi silêncio, cobri as duas com meu corpo, entrei num recuo da rua, demonstrei meu susto. Uma delas queria voltar correndo para casa. Falou sobre o pânico. Sentiu dor de barriga. Chorou. A outra parecia uma pequena repórter: "Aquilo era uma arma, mamãe?" "Por que a moça deu a bolsa?" "O que o cara da moto ia fazer com ela?" "Por que as pessoas roubam?" "Por que não tem polícia?" "Mamãe não tem todas as respostas, filha". Ninguém tem.

Não há vítimas mais vulneráveis do que pais e mães levando filhos à escola. Ou do que crianças chegando para as aulas. Carregamos o que temos de mais precioso ali. É apavorante descobrir que os assaltos se tornaram também parte da rotina escolar. Estamos todos criando estratégias para viver neste Rio, o da vida real. Como se culpados fôssemos por nos expormos a este mundo tão inóspito.

Ainda que vejamos todos os dias o quão difícil está o dia a dia na cidade, ainda que saibamos o quanto outras crianças, tão perto, vivem reféns de uma guerra, ainda que tudo tenha ficado bem comigo e com as meninas, há uma dor. Aos 6 anos, elas já vivem o mesmo medo que nós. ●

Maiá Menezes é editora-adjunta de País